

**Encerramos o ano litúrgico olhando para Jesus Cristo REI.**

**“Eis o vosso Rei”, grita Pilatos quando apresenta Jesus à multidão enfurecida. Pouco depois, pergunta-lhe: “Tu és Rei?” E, pela primeira vez na sua existência, Jesus afirma: “sim, sou Rei, para isso nasci e vim ao mundo, para dar testemunho da verdade”. Horas mais tarde, no cimo do Monte da Caveira, um dos malfetores proclama a realeza de Cristo: “Senhor, lembra-te de mim no teu Reino!”**

**Nós não olhamos hoje para Jesus como um Rei qualquer, mas como o modelo de todos os reis: “A minha realeza não é deste mundo... o meu reino não é de cá”. O Reino de Jesus Cristo é um reino de verdade, que não é defendido com as armas da violência. A grandeza de Cristo Rei reside na aparente fragilidade do amor que se entrega NA CRUZ, na primeira Sexta-Feira Santa da história. Por isso, Jesus que sempre rejeitou o título de Rei, assume-o apenas na paixão: “eu sou Rei!”**

**Esta solenidade constitui uma excelente oportunidade para, no fim de mais um ano litúrgico, os membros da hierarquia e os movimentos paroquiais se interrogarem: sirvo a Cristo Rei com humildade, simplicidade e verdade? Já tomei consciência que, hoje, o grande desafio que me é colocado é o de construir pontes que liguem o homem a Cristo Rei? Lembro, a este propósito, as palavras do Papa Francisco no Angelus do dia 9 de Novembro (2014): “Que, com a ajuda do Senhor e a colaboração de todos os homens de boa vontade, se difunda sempre mais uma cultura do encontro, capaz de derrubar todos os muros que ainda dividem o mundo, e não mais aconteça que pessoas inocentes sejam perseguidas e até mesmo mortas por causa do seu credo e da sua religião. Onde há um muro, há fechamento do coração! Precisamos de pontes, não de muros”.**

**Numa das suas meditações matutinas, na capela de Santa Marta, dizia o Papa Francisco o seguinte:**

**“Há muitos cristãos que se pavoneiam, doentes de vaidade, que vivem para aparecer e para se mostrar. Assim acabam por transformar a sua vida numa bolha de sabão, bela mas efémera, e saem por aí com demasiada maquilhagem, talvez procurando também fazer boa impressão, agitando cheques para as obras da Igreja ou recordando que são parentes de tal bispo. Mas agindo assim levam uma vida falsa, enganando-se a si mesmos”.**

**E, um pouco mais adiante, continuava o Papa Francisco:**

**“Talvez o que vos digo seja um pouco cruel, mas é verdade, pois os cristãos que vivem para aparecer parecem pavões. Mas o que conta não é vangloriar-se de algo, porque o essencial é só a tua vida com o Senhor. A vaidade semeia inquietações negativas, tira a paz. A vaidade é como as pessoas que se maquilham demais e depois têm medo de se molhar na chuva e que a maquilhagem seja eliminada. A vaidade é uma doença espiritual grave. É significativo que os padres egípcios do deserto diziam que a vaidade é uma tentação contra a qual devemos lutar a vida inteira, porque ela volta sempre para nos privar da verdade. E, para vos fazer compreender isto, diziam ainda: a vaidade é como a cebola; pegas nela e comesas a descascá-la. Descascas a**

*vaidade um pouco hoje, um pouco amanhã, e vais em frente a vida inteira, descascando a vaidade para a derrotar. Assim, no final ficas contente e dizes: eliminei a vaidade, descasquei a cebola... Mas permanece o cheiro a cebola nas tuas mãos".* (Cf. *Cristãos Pavões*, in *Ação Missionária*, Novembro de 2014)

*Quando olhamos para muitos dos movimentos eclesiais, facilmente concluímos que há ali de tudo um pouco, faltando em muitas circunstâncias o serviço humilde. Temos, infelizmente, na Igreja, muita gente a pavonear-se. Temos cada vez mais cristãos que vivem única e exclusivamente para a imagem. E a cultura dos nossos dias exalta isso mesmo. Vejam, a título de exemplo, o telelixo com que as nossas televisões nos brindam ao longo das manhãs e das tardes!*

*No passado dia 12 (Novembro de 2014), no lançamento de um novo livro seu, o antigo Bispo de Setúbal – D. Manuel Martins – afirmava que a civilização vive ainda na pré-história e fazia este apelo: seria desejável que “os contravalores não se transformem numa nova civilização, não se transformem em valores”. E, um pouco mais adiante, depois de afirmar que “já é prática corrente viver os contravalores como valores” e que “a sociedade quase não tem feito outra coisa senão levantar muros”, lançava este desafio: “a Igreja tem o dever de vir para a rua proclamar a dignidade da pessoa humana, a dignidade divina do homem”.*

*Assim sendo:*

*Onde houver cristãos que se debrucem sobre o seu semelhante para o ajudar a erguer-se do lamaçal, aí estará o Reino de Cristo em construção e cantar-se-á: **CRISTO VENCE!***

*Onde houver cristãos que, no silêncio e na humildade, construam pontes entre os homens entre si e dos homens com Deus, aí estará o Reino de Cristo em construção e cantar-se-á: **CRISTO REINA!***

*Onde houver cristãos que se recusem a ser pavões, com demasiada maquilhagem, e que, “rasteirinhos à erva”, sejam construtores de uma sociedade mais humana, mais justa e mais equitativa, aí estará o Reino de Cristo em crescimento e cantar-se-á: **CRISTO IMPERA!***